



EDITORIAL



VOLUNTARIADO, CIDADANIA E ASSOCIATIVISMO

No primeiro ano do novo século e milénio, comemora-se o Ano Internacional do Voluntariado. Integrando-se na iniciativa, e bem, a Confederação Portuguesa das Associações de Defesa do Ambiente realizou em Alcanena as I Jornadas de Voluntariado Ambiental nos dias 15, 16 e 16 de Junho, integradas na FESTAMB.

Participámos na iniciativa e tivemos oportunidade de comprovar aquilo que vínhamos pensando e dizendo. Ou seja, ambos os eventos, em Portugal reflectem o maior dos paradoxos. Efectivamente o voluntariado ambiental, está a perder fôlego. Trata-se de um problema da maior relevância que merece da parte de todos nós grande reflexão.

Tratando-se das I Jornadas de Voluntariado Ambiental, realizadas em Portugal e reforçadas pelo facto de estarem integradas na FESTAMB, uma iniciativa que se tem vindo a afirmar nos últimos anos, e que, para além do seu carácter ambiental tem sobretudo, um carácter lúdico, esperava-se não só uma elevada participação nas jornadas, mas sobretudo, uma elevada participação de gente nova, não só na idade mas, também nestas andanças.

Efectivamente, a FESTAMB, voltou a registar grande afluência de público, a nova praia fluvial dos Olhos de Água esteve repleta, sobretudo de jovens durante os vários dias.

E nas Jornadas que decorriam mesmo ali ao lado, numa tenda aberta e simpática, com estivessem em termos de participação? Quem encontrámos? Um grupo alargado e renovado de participantes, com novas ideias, novos projectos, novas mentalidades capazes de dar continuidade ao trabalho até aqui desenvolvido pela ONGA's, inclusivé melhorá-lo, e garantir o futuro?

Não. Infelizmente não. Para além de um grupo de jovens alunos que acompanharam uma professora militante, e de alguns jovens da Associação Onda Verde que saudámos, pouco mais caras novas. Encontrámos os mesmos de sempre, ou seja os que há mais de 10 anos, desde o primeiro encontro das ADA's em Viseu, em 1990, vimos encontrando todos os anos no Encontro Nacional das Associações de Defesa do Ambiente, e noutros eventos, e que certamente voltaremos a encontrar lá para Novembro, em Lisboa, quando tiver lugar o décimo segundo encontro. Se por lado é bom porque é sinal que aquelas pessoas continuam disponíveis, por outro é muito mau, porque é o futuro que está em causa.

Nesta e noutras páginas, há muito que vimos reclamando o exercício da cidadania, ainda no último editorial a convidámos a um acompanhamento maciço da revisão do PDM de Leiria. Vimos porém notando, que o conceito de cidadania entre nós, parece cada vez mais, ter apenas um sentido. O dos direitos.

Ora a cidadania contempla direitos e deveres. A cidadania permite-nos fazer opções e participar nas decisões públicas, mas exige de nós contrapartidas ao nível dos deveres cívicos, em sentido inverso.

As ONGA's, como a Oikos, recebem solicitações de apoio por parte de cidadãos e instituições, com muita frequência, às quais procuram responder com prontidão. Contudo, os contactos para oferta de colaboração, a título voluntário escasseiam, não só na Oikos e no movimento associativo ambiental mas, no movimento associativo em geral. Por outro lado, a mobilização para grandes causas de interesse nacional tem sido muito fraca, como o demonstra a participação dos cidadãos em torno da barragem do Alqueva e da tão falada cota 139.

Mesmo apenas, ao nível da simples adesão, a qual não implica qualquer colaboração, para além do pagamento de uma ridícula quota mensal, o número não tem vindo a aumentar significativamente nos últimos anos em todas as associações em geral, o que constitui mais um motivo de preocupação. Conforme revelam as estatísticas, Portugal está em "ultíssimo" (não sei se esta palavra consta do "novel" dicionário) lugar no que respeita a cidadãos inscritos em Organizações Não Governamentais relativamente aos seus parceiros europeus.

A situação é ainda mais grave ao nível da disponibilidade para exercer cargos directivos nas associações, dificultando a renovação destas.

Decididamente, meus caros concidadãos, assim não vamos lá, e é preciso mudar com urgência o rumo dos acontecimentos.

O movimento associativo ambiental consolidou uma posição importante, nos últimos anos, graças sobretudo à grande credibilidade técnica e científica que tem vindo a demonstrar e todo este trabalho não pode ser desperdiçado.

O movimento associativo é indispensável ao funcionamento das sociedades democráticas, mas ele não sobrevive sem voluntariado e exercício de cidadania. Se bem que seja por demais evidente que, pelas solicitações e pelo volume de trabalho, se torne cada vez mais necessária a profissionalização de determinados serviços. Para tal é necessário encontrar novos mecanismos de financiamento.

Devemos, por isso, reflectir profundamente sobre os novos tempos e os novos desafios e ter capacidade de, por um lado demonstrar aos cidadãos que vale a pena participar no trabalho associativo, e por outro encontrar respostas a uma sociedade de consumo cada vez mais "tritadora". Não sei de quais, mas pelo menos, ser membro de uma Organização Não Governamental, tem que ser um factor distintivo, pela positiva, em suma para usar a linguagem e as armas da sociedade de consumo, tem que dar "status".

O desafio que deixo é que durante as férias disponibilizem um neurónio (não cansa nada) para meditar no assunto e contribuir para encontrar soluções que permitam fortalecer o movimento associativo. Vá lá, envie as vossas sugestões para a Oikos.

OS MAUS DIAS DO NOSSO PATRIMÓNIO

É quase um lugar comum dizermos que grande parte do nosso património construído está em estado bastante degradado. Também é verdade que ele é vasto e que o país é pobre. Mas parece-me que poderíamos fazer mais e melhor se houvesse planificação atempada e prioridades assentes em parâmetros de qualidade e valores estético e histórico. Se fossemos pensar nisto a nível nacional seria trabalho para muito tempo e para o qual, eu não me sentiria com competência, mas como é para publicar num Boletim da OIKOS, é “obrigatório” cingir-me hoje a Leiria, numa ocasião em que, para além de nada se fazer pelo património, também é muito discutível se se consegue fazer algo para melhor cerzir o velho com o novo. Mesmo correndo o risco de dizer muita coisa que já foi dita, vou alinhar três ou quatro ideias.

Para o cidadão comum, mesmo para o mais distraído é duro de suportar a falta de planeamento urbanístico da nossa cidade, nos últimos vinte anos e perceber que, mesmo com a mudança de geração do executivo da Câmara Municipal, nada mudou, nem nada parece ter vontade de mudar. Chamam-se “obras estruturantes” a pequenos acertos nas rotundas e seus passeios que mais não servem do que para aborrecer o cidadão com lama, pó e buracos. Conseguem-se mais e melhores normativos jurídicos para utilizar perante proprietários mais

difíceis, em caso de necessidade, na gestão da recuperação da chamada zona histórica, mas não se cria um gabinete multidisciplinar - desde os aspectos sociais, arquitectónicos, ambientais, passando pelos económicos e pelos jurídicos, a fim de, não só desbravar terreno para quem decide, mas também para dar os suportes de justiça, de civilidade e de democracia às mesmas decisões políticas. Meus amigos, neste campo há muito a fazer, desde que haja vontade política. Há logo uma parte muito grande de proprietários que têm

condições económicas para tratarem da recuperação dos seus imóveis e há que motivá-los para serem parceiros activos, haverá os que precisam de ajuda técnica e até económica, mas mais ao nível de crédito e haverá aqueles de precisam da solidariedade social - mas se há solidariedade para realojar tantas famílias de “bairros de lata” em habitações condignas, também terá de haver para estes casos! Ou não?

E quando estamos a falar de património de Leiria, estamos a falar do Castelo, das Igrejas e Conventos mais emble-máticos, edifícios de qualidade arquitectónica, desde o Largo da Sé até ao Largo Cândido Reis, o Solar dos Guerras, o Solar dos Verdes, tudo o que tem traço arquitectónico de Korrodi - e aqui temos a registar na coluna das coisas boas a recuperação do “Mercado de Santana”, toda a moldura da Praça Rodrigues Lobo - e aqui uma referência muito negativa para o estado em que se encontra a sede do Ateneu. Mas o mais escondidinho e o último será o primeiro. É o edifício onde morou o Professor Narciso Costa, na Rua D. Afonso Henriques. Todos precisam de recuperação, mas as prioridades terão de ser em função das condições de ruína em que se encontram, pois todos eles têm qualidade para estarem na linha da frente.

Alfredo Ferreira



FICHA TÉCNICA:

Director: Nuno Carvalho

Coordenador: Diomar Ferreira

Colaboraram neste número: Mário Oliveira, Nuno Carvalho, Diomar Ferreira, António Carvalho e Raquel Delgado

Propriedade: OIKOS - Associação de Defesa do Ambiente e do Património da Região de Leiria

Av. Cidade de Maringá — Centro Associativo Municipal, Sala 9 — Apartado 2840 — 2401-901 LEIRIA — Telef.: 244 828 555 Fax: 244 826 024

E-mail: oikosambiente@mail.telepac.pt • Internet: <http://www.terravista.pt/nazare/5199>

Depósito Legal: Nº 120442/98

Tiragem: 1.000 exemplares

Os artigos assinados exprimem a opinião dos seus autores e não necessariamente a da OIKOS.

CAMPANHA BANDEIRA AZUL

2001

A Campanha BANDEIRA AZUL DA EUROPA tem como principal objectivo a consciencialização da população para os problemas do ambiente costeiro e fluvial, incentivando acções que contribuam para a sua resolução.

A Oikos está a coordenar, mais uma vez, o projecto BANDEIRA AZUL – 2001, no concelho, em colaboração com a Câmara Municipal de Leiria.

Deste modo, a nossa associação está a desenvolver as seguintes actividades:

Palestras/debate – Realização de 4 palestras/debate no Centro Azul da Praia do Pedrógão, versando o tema “Conhecer e Preservar o Litoral”, ao longo da época balnear.

Acampamento ambiental – Acampamento a realizar na Praia do Pedrógão que envolve cerca de 20 jovens e cinco

monitores, durante uma semana (16 a 21 de Julho), com actividades que vão desde percursos pedestres, animação ambiental no litoral e acções de limpeza na praia.

Protecção dunar – Esta actividade consiste na construção de duas estruturas leves de protecção nas dunas a Norte e a Sul da Praia do Pedrógão, numa extensão de 700 metros.

Folhetos – Reedição dos folhetos “Litoral – Fronteira entre a Terra e o Mar” e “Dunas – Formas Litorais a Preservar”.

Coastwatch europe 2001 – Acções de observação e registo de dados sobre o estado das praias na Região. Esta actividade desenvolve-se com a colaboração de escolas do concelho.

Tentamos, assim, continuar a dar realce à educação ambiental e à sensibilização para a necessidade de preservar o litoral

IX CONCURSO DE FOTOGRAFIA AMBIENTE – 2001

A Oikos levou a cabo mais uma realização do seu habitual concurso de fotografia, este ano subordinado ao tema “Ambiente”. Foram recebidas cerca de 280 fotografias, provenientes de diversos pontos do país, tendo sido expostas as melhores 50, seleccionadas pelo júri, segundo o regulamento do concurso.

A exposição esteve patente ao público de 9 a 25 de Junho, no “Hall” do Teatro José Lúcio da Silva, em Leiria, estando presentes na cerimónia de inauguração alguns membros da Direcção da Oikos, a Presidente da Câmara Municipal de Leiria, Isabel Damasceno, os Vereadores Vítor Lourenço e Fernando Carvalho e alguns concorrentes.

A classificação atribuída pelo júri, foi a seguinte:

- 1º Prémio – António Joaquim dos Santos, de Miratejo
- 2º Prémio – Isabel Loupa Ramos, de Lisboa
- 3º Prémio – Bruno Santos, de Alfragide



I Jornadas de Património e A

Nos passados dias 31 de Maio e 1 de Junho, decorreram as primeiras jornadas da OIKOS sobre as problemáticas inerentes ao património edificado e arqueológico. Os trabalhos tiveram lugar no auditório da Caixa de Crédito Agrícola de Porto de Mós e, nesta primeira edição, foram dominados pela temática da arqueologia da região de Leiria e pela discussão dos problemas inerentes às intervenções de emergência.

Constituídas por dois painéis temáticos e uma mesa redonda, as jornadas tiveram a participação de um vasto leque de

investigadores universitários, de empresas de arqueologia e arqueólogos ao serviço de autarquias cujas intervenções foram pautadas pelo critério da qualidade.

No painel "Resultados e perspectivas da arqueologia no Litoral Centro" foi privilegiada a apresentação dos resultados de trabalhos arqueológicos em curso no distrito e áreas confinantes, com principal incidência nos períodos pré-históricos, romano

e medieval. Além das comunicações anunciadas, foi possível contar com a presença do Dr. Beleza Moreira, não referido no programa e que, de forma brilhante, transportou a plateia para a cidade romana de Eburobrittium (Gaeiras - Óbidos),

obras públicas e privadas. Mediatização de situações polémicas, parcimónia de recursos humanos e materiais, inadequada preparação de alguns profissionais e legislação deficiente foram os problemas mais referidos.



sítio que tem vindo a estudar há vários anos.

No dia 1 de Junho, a manhã foi ocupada com o painel intitulado "Intervenções de emergência e salvaguarda do património arqueológico – metodologias e problemas". O debate suscitado pelo tema permitiu a troca de experiências e a identificação de algumas das principais dificuldades com as quais se debatem os profissionais da arqueologia, em contextos de

A mesa redonda, que tinha por tema "Preservar o património arqueológico/Valorizar a comunidade," teve uma das suas principais conclusões na constatação que existe, na região, um fértil campo de trabalho e um apreciável conjunto de investigadores que poderiam servir de base a projectos arqueológicos de grande envergadura e interesse para a valorização do conhecimento científico e para o

Arqueologia do Litoral Centro

desenvolvimento de uma nova dinâmica cultural, não só naquela área específica, mas também em outras com ela relacionadas, tais como a antropologia e etnografia.

Os grandes objectivos que a OIKOS definiu para este primeiro espaço de reflexão, entre os quais a divulgação de resultados e a promoção do intercâmbio entre investigadores, concretizaram-se e merecem necessariamente uma nota positiva. Reflexo disso mesmo são os novos projectos de intervenção arqueológica que se começaram a esboçar ao longo dos trabalhos, entre investigadores de áreas tão distintas quanto o são as universidades e o mundo empresarial. Cabe aqui, porém, sublinhar que alguns dos grandes títulos da imprensa regional poderiam ter investido um pouco mais na divulgação do evento, de forma a ampliar o esforço da organização para convidar o cidadão em geral a participar nos trabalhos e a tomar conhecimento do seu teor, uma vez que as jornadas sempre pretenderam ser um

espaço aberto e pedagógico a todos e não somente à comunidade científica. Estamos certos que a qualidade dos textos resultantes das intervenções, com todo o manancial de conhecimentos inéditos sobre o passado do Litoral Centro, a publicar nas actas das jornadas, será um documento de referência fundamental para a história da região, que não deixará de beneficiar a divulgação e o sucesso acrescido de próximas edições.

Ao aceitar o desafio da OIKOS para patrocinar estas primeiras jornadas, a Câmara Municipal de Porto de Mós recolheu os legítimos agradecimentos e abriu, de forma exemplar para outras autarquias,

o caminho ao desenvolvimento de uma área ainda pouco explorada nesta região. A disponibilidade do Presidente da Câmara desta autarquia para apoiar futuras jornadas demonstra bem que este não foi um investimento esporádico. A OIKOS não pode, pois, deixar de agradecer a confiança continuada que a autarquia nela depositou. Cabe, ainda aqui, agradecer à Caixa de Crédito Agrícola de Porto de Mós a pronta disponibilização do seu auditório e do meios ao seu alcance.

Quanto às jornadas, venham as próximas...

Jorge Figueiredo



No limite...

Panda Gigante

O adeus a um peluche vivo.



Todos os animais que existem ou existiram ocupam, no nosso subconsciente, um espaço determinado; temos horror a cobras e a aranhas, nojo por lesmas, terror ao pensarmos em encontrar um tubarão ao nadar no mar... ...e sentimos carinho por animais, que apesar de terem um certo volume, desenvolvem em nós um desejo de os pegarmos ao colo, fazermos festas e levarmos para casa.

Mas muitas vezes não nos contentamos em levar só a espécie... ...levamos também a última hipótese de sobrevivência desta!

Infelizmente, e provavelmente a curto prazo engrossando a longa lista

de animais extintos, encontramos o Panda-gigante (*Ailuropoda melanoleuca*).

Este mamífero habita as montanhas do Sueste da China, embora restos fósseis descobertos nos Himalaias comprovem a antiga amplitude do habitat desta população.

No seu ecossistema, localizado em zonas remotas, não possui inimigos!

A sua imagem serve de bandeira a várias organizações ambientais e movimentos conservacionistas, estando o World Wildlife Foundation, conjuntamente com a academia Chinesa de Ciências, a

desenvolver um elaborado projecto biológico, autêntica luta contra o relógio que marca o tempo para a sua extinção.

Introduzido no mundo Ocidental, em 1869 pelo padre Armand David, foi oferta para monarcas e objecto de cobiça para aumento das colecções de jardins zoológicos.

Hoje existem apenas cerca de 1000 exemplares no seu habitat natural, e cerca de 100 pandas em cativeiro!

Abriga-se em encostas escarpadas, com altitudes variáveis entre os 1.500 e 3.000 metros, rodeando as zonas de bambú. Mede cerca de 1,80 m, e o seu peso oscila

entre os 90 kg. e os 140 kg. É um solitário, encontrando-se a fêmea acompanhada do seu último filhote. As almofadas das suas mãos funcionam como o sexto dedo oponível às garras, utilizando as mãos para levar a comida à boca.

Aliás, é bem conhecida a sua posição habitual, sentados no chão, onde aliás passam a maior parte do tempo, a comer.

Embora pertencente à ordem dos carnívoros e possuir ainda dentição correspondente a esta, a sua alimentação compõe-se unicamente de bambú, ocupando 12 horas do seu dia na deglutição de rebentos e hastes novas de duas espécies destes.

E eis um dos factores que tem contribuído para a sua extinção: o facto da sua alimentação ser apenas constituída por bambú, leva a que a sua espécie sofra a influência do ciclo vegetal deste, pois os bambús

desaparecem de sete em sete anos, só germinado na temporada seguinte. Com o desaparecimento do bambú, desaparecem igualmente muitos pandas, por falta de alimento. Analogamente, a devastação deste habitat, mais uma vez causada pelos humanos, irá ocasionar a extinção desta espécie.

O outro factor é a baixíssima taxa de reprodução, tendo sido efectuadas tentativas para o fazer através da inseminação artificial, as quais resultaram em redundantes fracassos, uma vez que os espécimes assim obtidos tiveram uma esperança de vida bastante reduzida, morrendo jovens, desconhecendo-se qual a razão.

Perante o sucesso da clonagem da ovelha Dolly, a Academia de Ciências da China vislumbrou uma nova esperança para o Panda-gigante, desenvolvendo um embrião extraído de uma fêmea e introduzindo-o no

óvulo de uma coelha, cultivando-o em laboratório durante 10 meses.

Embora pondo todas as esperanças do futuro desta espécie neste processo, o fulcro do problema continuará a ser a destruição do seu habitat em larga escala, devido aos interesses dos seres (não tão) humanos, dando uma esperança de vida, a esta espécie, de cerca de 20 a 30 anos.

Assim como em todos os ecossistemas onde exercemos a nossa influência, a longo prazo determinaremos o fim do ciclo das estações, com as consequências inerentes, e, eventualmente, o fim da nossa própria espécie.

Será que, mais uma vez, a mão que alimenta o animal em cativeiro será aquela que o vai aniquilar na Natureza?

(extraído do site Planeta Terra)

António Carvalho

Sócio n° 147

SABIA QUE?

Nem todos os ninhos feitos de ervas e de pequenos ramos que encontramos, são de aves. Os mamíferos também dominam a arte do entrelaçamento. Os esquilos, por exemplo, constroem ninhos esféricos, muito resistentes, com pequenos ramos secos, prendendo-os nas copas das grandes árvores, e cujo interior se apresenta bem confortável, revestido de uma grossa camada de musgo.

Existem 79 espécies reconhecidas de baleias, golfinhos e botos, conhecidos como cetáceos, do latim cetus (grande animal marinho) e do grego ketos (monstro marinho). As formas e os tamanhos são variados, desde os pequenos golfinhos, que mal ultrapassam 1 metro de comprimento, até á baleia – azul que pode medir 25 metros de comprimento.

As borboletas, com cerca de 140 000 espécies, agrupadas em cerca de 100 famílias, representam um décimo de todo o mundo animal. As maiores e mais bonitas vivem nas zonas tropicais e subtropicais.

Diomar Ferreira

Colóquio/debate

“Educação Ambiental: O que é ? Para que serve ?”

Na sequência das várias iniciativas levadas a cabo para comemorar mais um Dia Mundial do Ambiente, a Oikos – Associação de Defesa do Ambiente e do Património da Região de Leiria, promoveu um Colóquio/Debate subordinado ao tema “Educação Ambiental: O que é ? Para que serve ?”.

O colóquio decorreu no Centro Associativo Municipal de Leiria, no passado dia 7 de Junho, pelas 21.30 horas, tendo contado com as presenças da Dra. Maria de Jesus Fernandes, da Associação de Defesa do Paul de Tornada – PATO, da Dra. Adelaide Espiga, Directora de Serviços de Formação Ambiental do IPAMB – Instituto de Promoção Ambiental e do Professor Doutor Mário Freitas, Director do Parque Nacional da Peneda-Gerês e docente na Universidade do Minho.



Esta iniciativa, bastante participada, permitiu a todos os presentes conhecer melhor o Paul de Tornada, a acção fundamental da PATO na sua gestão e na implementação de projectos de educação ambiental a partir daquela zona húmida.

Na intervenção da Dra. Adelaide Espiga foi traçado um perfil evolutivo da educação ambiental a nível nacional, sendo feita uma abordagem ao seu estado actual, a partir dos apoios concedidos pelo IPAMB a projectos desenvolvidos a nível escolar.

Finalmente, o Dr. Mário Freitas fez uma abordagem teórica do tema em debate, lançando o desafio de se encontrarem novas e mais originais formas de transmitir conceitos e envolver as populações nas acções de educação ambiental, procurando envolver toda a comunidade.

Centro de Recursos da Oikos

Uma das actividades mais participadas da Oikos, é o apoio prestado à comunidade escolar da região, através da consulta de documentos escritos e audiovisuais na sua sede, e do apoio directo, por parte dos membros da direcção e de outros associados colaboradores.

Efectivamente, ao longo de cada ano lectivo, passam pela nossa sede, centenas de estudantes, e bastantes professores, dos diversos graus de ensino.

No sentido de melhorar e diversificar este importante serviço prestado à comunidade, e numa tentativa de chegar a outras camadas da população, para além dos estudantes e professores, a Oikos tem vindo a adquirir novas publicações e obras de grande valor

ambiental e científico.

Assim, para além da assinatura da revista “Fórum Ambiente”, garantimos recentemente a assinatura das revistas “National Geographic” e “Ozono” e adquirimos a Colecção “Natureza Selvagem”, composta por 24 DVDs e 6 livros.

Relativamente a obras literárias, a última aquisição da Oikos foi uma colecção editada pelo Instituto Piaget, composta pelos seguintes livros:

- Sociologia Ambiental – A formação de uma perspectiva social- de John Hannigan
- Do bom uso da Natureza – Para uma filosofia do meio ambiente- de Catherine Larrère e Raphael Larrière

- O Princípio Ecológico – Ecologia e Economia em Simbiose- de Arthur Lyon Dahl
- Mulher, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – Para uma síntese teórica- de Rosi Braidotti e Ewa Charkiewicz
- Questões Globais – Uma Introdução- de John L. Seitz
- Um Novo Pacto com a Natureza- de Richard Heimberg

O Centro de recursos da Oikos conta com algumas centenas de obras, que estão à disposição dos seus associados, para serem consultados no local, ou levados para casa, mediante a respectiva requisição.